



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**ESTUDANTES DE CLASSES POPULARES EM CURSOS DE ALTA SELETIVIDADE NA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:
EXCEÇÃO OU REGRA?**

PRISCILA BECIL CAMPOS

Brasília – DF
2017

PRISCILA BECIL CAMPOS

**ESTUDANTES DE CLASSES POPULARES EM CURSOS DE ALTA SELETIVIDADE NA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:
EXCEÇÃO OU REGRA?**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia, à Comissão
Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto
Lopes de Sousa.

Brasília – DF
2017

PRISCILA BECIL CAMPOS

**ESTUDANTES DE CLASSES POPULARES EM CURSOS DE ALTA SELETIVIDADE NA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:
EXCEÇÃO OU REGRA?**

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Orientador (Faculdade de Educação – UnB)

Profa. Dra. Graciella Watanabe
(Faculdade de Educação – UnB)

Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos
(Faculdade de Educação – UnB)

Profa. Dra. Ana Tereza Reis Membro Suplente
(Faculdade de Educação – UnB)

Brasília – DF, 2017.

Campos, Priscila B.

Estudantes de Classes Populares em Cursos de Alta Seletividade na Universidade de Brasília/ Priscila B. Campos. – Brasília, 2017.

Trabalho de conclusão de curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa 1. Capitais Culturais 2. Campo 3. *Habitus*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus acima de tudo, por estar sempre ao meu lado, me direcionando e me orientando, por nunca desistir de mim e por me amar incondicionalmente. Com certeza essa monografia e tudo o que eu fizer será para honra e glória DEle.

Agradeço aos meus pais, Cláudia e Roberto Campos, ao meu irmão Gabriel por sempre estarem comigo, me apoiarem, por buscarem sempre o melhor para mim, por me apresentar a vida e por me amarem como só eles conseguem.

Agradeço a minha avó Tomires, por todos os conselhos, orações e brigadeiros quando estava cansada ou estressada com tarefas acadêmicas.

Agradeço ao meu namorado, Sérgio, por sempre me apoiar, me motivar e me fazer sorrir.

Agradeço ao professor Carlos Lopes por aceitar meu projeto de conclusão de curso e estar comigo nessa caminhada.

E aos meus amigos, por se entusiasmarem com minhas conquistas acadêmicas e me incentivarem a continuar. Aos amigos Silas e Matheus, em especial, por compartilharem esse momento de Trabalho de Conclusão de Curso comigo e a Amanda, por todos esses anos de amizade.

*Se algum de vocês tem falta de sabedoria,
peça-a a Deus, que a todos dá livremente,
de boa vontade, e lhe será concedida.*

(Tiago 1:5)

RESUMO

O seguinte trabalho se baseou nos conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu para analisar estes nas trajetórias de vida de alunos de classes populares em cursos de alta seletividade. O objetivo da pesquisa foi buscar compreender o diferencial desses alunos e como os conceitos interferiram em suas conquistas. Como metodologia, foi utilizada a reflexibilidade reflexa e realizadas entrevistas semiestruturadas com três alunos, oriundos de escolas públicas, dos dois cursos de maior nota de corte da UnB, Medicina e Direito. Conclui-se com essa pesquisa que a família é um diferencial para o sucesso desses alunos, como também a falta de necessidade de se trabalhar para se auto sustentar. As trajetórias escolares também estão amplamente relacionadas com os resultados desses alunos, que apesar de terem acesso aos cursos de alta seletividade, ainda sofrem preconceito, por serem considerados “sem o capital necessário”, demonstrando o quanto o ensino superior ainda reproduz a hierarquização da classe dominante.

PALAVRAS CHAVE: Classes Populares. Capitais. Campo. *Habitus*.

RESUMEN

El siguiente trabajo se basó en los conceptos del sociólogo Pierre Bourdieu para analizar estos en las trayectorias de vida de alumnos de clases populares en cursos de alta selectividad. El objetivo de la investigación fue buscar comprender el diferencial de esos alumnos y cómo los conceptos interfirieron en sus conquistas. Como metodología, se utilizó la reflexividad refleja y realizadas entrevistas semiestructuradas con tres alumnos, oriundos de escuelas públicas, de los dos cursos de mayor nota de corte de la UnB, Medicina y Derecho. Se concluye con esta investigación que la familia es un diferencial para el éxito de estos alumnos, así como la falta de necesidad de trabajar para sostenerse. Las trayectorias escolares también están ampliamente relacionadas con los resultados de esos alumnos, que a pesar de tener acceso a los cursos de alta selectividad, todavía sufren prejuicio, por ser considerados "sin el capital necesario", demostrando cuánto la enseñanza superior todavía reproduce la jerarquización de la clase dominante .

PALABRAS CLAVE: Clases populares. Capitales. Campo. *Habitus*.

LISTA DE SIGLAS

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

BCE – Biblioteca Central da Universidade de Brasília

BSA – Bloco de Salas de Aula

CIL – Centro Interescolar de Línguas

EUA – Estados Unidos da América

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PAS – Programa de Avaliação Seriada

PNEE – Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais

PPI – Pretos, Pardos ou Indígenas (cotas raciais)

SESI – Serviço Social da Indústria

STJ – Superior Tribunal de Justiça

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

Sumário

I. MEMORIAL	10
II. MONOGRAFIA.....	14
INTRODUÇÃO	14
1 REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1 O conceito de Capital em Bourdieu	18
1.2 Campo para Bourdieu.....	19
1.3 <i>Habitus</i> em Bourdieu	21
1.4 Breve diálogo entre as teorias de Bourdieu e Lahire.....	22
2 REVISÃO DE LITERATURA	24
3 METODOLOGIA	29
3.1 Reflexibilidade Reflexa.....	29
3.2 Entrevista Semiestruturada.....	30
3.3 Critérios, organização e interpretação dos dados	31
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
4.1 Breve identificação dos entrevistados	32
4.2 Capitais.....	36
4.3 <i>Habitus</i>	40
4.4 Trajetória Escolar	41
4.5 Sucesso Escolar	42
4.6 Influências	44
4.7 Cotas.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
III. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	51
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	52
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	54

I. MEMORIAL

Muitas experiências vividas nos fazem ser quem somos, e como aprendemos, toda história deve ter um começo, um meio e um fim. Deixo aqui um pouco de minhas memórias que me fizeram chegar até aqui.

No dia 15 de agosto de 1995 nasceu à primogênita do casal Roberto Moreira Campos e Cláudia Regina Frota Becil Campos, Priscila Becil Campos. Assim como os pais, o nascimento ocorreu na cidade de Brasília, Capital do país. Como minha mãe decidiu não trabalhar para cuidar mais de mim, a minha primeira experiência escolar ocorreu com quatro anos. Meus pais me matricularam em uma escola particular, a qual os amigos deles matricularam suas filhas e estas já estudavam lá, porém, como não estava acostumada ao ambiente escolar, chorei muito em meu primeiro dia, e lembro-me da professora me colocar no colo no meio da turma e me dar uns “tapinhas no bumbum”, depois disso, nunca mais quis voltar na mesma escola.

Como não queria de forma alguma voltar aquela escola, meus pais me colocaram em uma escola pública, uma escola que me acolheu muito bem. Eu sempre chorava no começo das aulas, mas as professoras sempre buscavam me acalmar, até eu conseguir me adaptar. Tenho ótimas lembranças dessa escola. Pouco antes de fazer cinco anos, nos mudamos para outra cidade, onde o tio do meu pai era o dono da escola em que estudei no jardim 2, minha mãe passou a trabalhar na secretaria da escola, porém, só moramos lá por nove meses, dando o tempo certo para meu irmão mais novo nascer em Brasília. Quando voltei, fui para o mesmo jardim que havia estudado em Brasília e por essa mudança entrei no jardim 3, pois na outra cidade me adiantaram um ano.

A primeira parte do meu ensino fundamental foi feita em uma Escola Classe do Plano Piloto, onde fui muito bem acolhida, porém, continuava com problemas de me adaptar e chorava todo começo de ano. Fui acompanhada pela psicóloga da escola, Ana Rita, a qual sempre me ajudou muito. A segunda parte do meu ensino fundamental foi dividida em duas escolas, pois a primeira só tinha até a 6ª série, mas ambas foram em escolas classes do Plano Piloto. Neste período fiquei em quadragésimo lugar na olimpíada de matemática.

Meu ensino médio continuou sendo feito em escola pública, na asa sul, onde este tinha a divisão de turmas feitas por notas e avaliação dos alunos, sempre fiquei na considerada melhor turma. Além de estudar na escola regular, também estudava no Centro Interescolar de Línguas de Brasília, conhecido como CIL, onde cursei Espanhol. Desde a sétima série os

professores me incentivaram a passar na Universidade de Brasília, principalmente pelo Programa de Avaliação Seriada. Fiz o primeiro PAS estudando apenas na escola, e consegui uma nota considerada boa. No segundo ano do ensino médio resolvi fazer o cursinho no ALUB, gostei da experiência, mas não achei que fez muita diferença na minha nota, então no terceiro ano do ensino médio, resolvi estudar por conta própria.

Uma questão importante é que apesar de ter notas razoáveis para passar na UnB, não sabia que curso escolher, sempre gostei de todas as disciplinas e sempre tive muita afinidade com as artes, porém, meus pais não queriam que eu cursasse algo relacionado as artes, queriam algum curso que me desse uma estabilidade profissional. Bom, conversei com um professor meu de Sociologia e ele me apresentou as Ciências Sociais, algo abrangente em conteúdos e que ele disse ser muito bom para concursos públicos. Então, resolvi por Ciências Sociais, passei em primeira chamada pelo PAS.

Fiz três semestres de Ciências Sociais, e desde o primeiro semestre busquei mais disciplinas do que me ofertavam, sempre quis me adiantar. No primeiro semestre cursei “Introdução a Economia”, “Introdução a Sociologia”, “Introdução a Antropologia”, “Introdução a Ciência Política” e acrescentei “História Social e Política Geral”. Gostei das disciplinas, mas não tinha tanto prazer em fazê-las. Eu era muito diferente dos meus colegas de classe, mais reservada, sempre fui ligada a igreja e sou uma pessoa cristã e de fé. Me sentia em um ambiente que não era o meu, conheci poucas pessoas, e as amizades que fiz queriam mudar de curso. No segundo semestre, minhas amigas de curso conseguiram passar no vestibular e mudaram de curso, mas eu continuei, não pretendia mudar. Cursei “História Econômica Geral”, “Formação Econômica do Brasil”, “Introdução à Metodologia das Ciências Sociais” (onde fiz meu primeiro anteprojeto, cujo tema era cotas na Universidade Pública e tive meu primeiro contato com obras de Pierre Bourdieu), “Psicologia da Educação”, e escolhi fazer uma matéria optativa, “Introdução a Psicologia”. Neste semestre, conheci o Professor Leonardo Cavalcanti de “Introdução à Metodologia das Ciências Sociais” que me convidou a fazer parte de seu laboratório de pesquisa “Laboratório de Estudos Sobre Migrações Internacionais”, ele me convidou também a me inscrever para uma seleção de bolsa pesquisa para um Observatório de Migrações Internacionais.

No terceiro semestre cursei as disciplinas “Estatística Aplicada”, “Teoria Sociológica 1”, “História Social e Política do Brasil”, e como não consegui muitas disciplinas e gostei da matéria de educação que havia feito no semestre passado, cursei “Orientação educacional”. Passei na seleção da bolsa e entrei no grupo de pesquisa do Observatório das Migrações Internacionais. Aprendi muito fazendo parte desse grupo, mesmo minha função sendo

basicamente administrativa. Observando meus colegas de projeto, em conversas com a coordenadora, resolvi que a área profissional de Ciências Sociais não era para mim. Como sou uma pessoa de fé, orei, pedi orientação para Deus e fui pesquisar outras áreas. Me apresentaram a Pedagogia como uma profissão que eu deveria tentar, fui para Orientação Acadêmica da Universidade e fui pensar na possibilidade, conversei com Deus, com meus pais e namorado, e resolvi pedir mudança de curso. A disciplina de “Orientação educacional” me ajudou nesse processo, pois conheci mais da faculdade de educação e conheci pessoas de Pedagogia que conversaram comigo e me explicaram mais sobre o curso.

A mudança de curso foi aceita, e então, fui cursar meu primeiro semestre de Pedagogia. Sim, era bem diferente das Ciências Sociais, era um ambiente que eu conseguia me sentir parte dele. Cursei “Antropologia e Educação”, “Oficina Vivencial”, “Investigação Filosófica na Educação” e “Perspectiva do Desenvolvimento Humano”, não me foi ofertado “Projeto 1”, tentei conseguir, porém, não obtive sucesso, não consegui acrescentar disciplinas esse semestre por ser o primeiro. Mesmo com a mudança de curso continuei no Observatório.

No meu segundo semestre em Pedagogia cursei “História da Educação”, “O Educando com Necessidades Educacionais Especiais”, “Organização da Educação Brasileira”, “Projeto 2 – Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão”, “Orientação Vocacional Profissional” (uma das matérias que mais me interessavam/interessam na Pedagogia). Além disso, sai do Observatório das Migrações Internacionais, o qual também estava exercendo a função de editora de uma revista digital. No semestre seguinte cursei “Filosofia da Educação”, “História da Educação Brasileira”, “Didática Fundamental”, “Ensino e Aprendizagem da Língua Materna”, “Ensino de Ciência e Tecnologia 1”, “Pesquisa em Educação 1”, “Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE”, “Projeto 3 – Projetos Individualizados 1”. Cursei o projeto 3 com a professora Sônia Marise, haviam me indicado ela, e ela era a única professora que estava ofertando projetos com a temática que eu queria abordar, afinal, apesar de ter saído de Ciências Sociais, ainda gostava da temática, principalmente associada a educação.

No meu quarto semestre de Pedagogia cursei uma das disciplinas de maior interesse pessoal meu, “Escolarização de Surdos e Libras”, sempre tive a vontade de aprender libras, acho importante para o desenvolvimento social e inclusão. Além dessa disciplina, cursei, “Sociologia da Educação” (que me auxiliou no tema de interesse do TCC), “Processo de Alfabetização”, “Educação Matemática 1”, “Administração das Organizações Educativas”, “Projeto 3 – Projetos Individualizados 2”, “Projeto 4 – Projetos Individualizados de Prática Docente”. Ambos os projetos fiz com a professora Sônia Marise, no projeto 3.2 comecei a desenvolver a parte teórica do meu tema de TCC – “Análise dos Capitais Culturais de

Bourdieu em uma escola em Brasília” e o Projeto 4.1 fiz em uma escola a qual já havia estudado, a Escola Classe 316 Sul. Acompanhei a turma por várias semanas, a professora da turma entrou de licença nas primeiras aulas que acompanhei, fiquei por um longo período acompanhando a turma, junto com a direção da escola, até que em meu último dia de estágio, chegou uma professora substituta. Antes de finalizar o semestre, conversei com a professora Sônia sobre mudar o foco do TCC, havia feito um trabalho na disciplina de Sociologia da Educação em que a análise de Bourdieu era feita em relação aos cursos universitários, uma área que verdadeiramente me chama muita atenção desde meus primeiros semestres e a professora me deu todo apoio para essa mudança.

No semestre seguinte, por alguns motivos que foram além do meu alcance, não consegui cursar nenhum projeto, apenas disciplinas. Cursei as disciplinas “Filosofia da Educação 2”, “Ensino de História, Identidade e Cidadania”, “Educação em Geografia”, “Políticas Públicas de Educação”, “Oficina de Formação do Professor-Leitor”, “Avaliação nas Organizações Educativas”.

No último semestre, escolhi cursar o “Projeto 5” com o professor Carlos Lopes e ele me acolheu, sendo meu orientador, onde pude juntar minha trajetória nas ciências sociais para pensar educação. Cursei também o “Projeto 4.2” com a professora Sandra Ferraz e fiz estágio por meio deste projeto em uma escola pública do Distrito Federal. Cursei a disciplina optativa “Fundamentos da Linguagem Musical na Educação” a qual tive grande interesse.

Eu gosto muito da abrangência da Pedagogia, suas disciplinas são complexas, sociais e atuais. Desde a escolha por Pedagogia meu foco não era sala de aula, e sim Orientação, Psicopedagogia, Pedagogia Empresarial e Pesquisa. E mesmo depois de tantos semestres, minha área de interesse continua sendo a mesma, se consolidando cada vez mais.

II. MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A temática a ser desenvolvida trata sobre estudantes de classes populares que ingressaram na Universidade de Brasília em um curso de alta seletividade, sob a ótica do sociólogo Pierre Bourdieu, utilizando alguns conceitos como Capital Cultural, Capital Social, Campo e *Habitus*, onde também será feito um breve diálogo com Bernard Lahire. A centralidade da pesquisa busca compreender se a entrada de alunos das classes populares em cursos considerados de “elite” são regras ou exceções, tendo também como interesse identificar se os Capitais Culturais, assim como o Campo e o *Habitus*, interferem no alcance desses alunos no curso desejado.

A relevância social do tema se dá ao fato de se tentar compreender se existe uma igualdade de oportunidades entre todos os estudantes, ou se alguns são excluídos de alcançar o curso que tanto almejam por questões que vão além do seu controle.

A perspectiva metodológica utilizada será a Reflexividade Reflexa de Bourdieu, e terá como base de instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, que segundo Boni e Quaresma (2005) é uma forma de entrevista de perguntas abertas e perguntas fechadas, que será explicada ao logo do trabalho. Para tanto, foram entrevistados três estudantes dos cursos mais concorridos e com maior nota de corte, dois alunos do curso de Medicina e um do curso de Direito, que ingressaram entre o ano de 2016 e 2017 na Universidade de Brasília, provenientes de escola pública, selecionados por se destacarem em reportagens nas mídias de comunicação, ressaltando que os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que confere o anonimato dos mesmos e se encontra no apêndice deste trabalho.

Então, partir dessas questões, dos aspectos teóricos e da pesquisa realizada, o trabalho têm os seguintes objetivos específicos:

- I. Identificar os Capitais Culturais e o *Habitus* (familiar) desses estudantes que alcançaram o curso almejado na Universidade de Brasília e as intervenções desses conceitos no processo de aprovação;

II. Compreender as trajetórias de vida (familiares) e escolares desses alunos que são de classes populares e obtiveram êxito passando em um curso de alta seletividade;

III. Identificar se há algo diferente na trajetória desses alunos que o diferem de quem não obtém o mesmo resultado;

IV. Como esses alunos reconhecem a falta de alguns Capitais durante o curso e como eles acreditam ser reconhecidos como sujeitos por alunos ditos de elite;

O trabalho está estruturado em quatro capítulos, o primeiro capítulo abordará o Referencial Teórico, seguindo deste, a Revisão de Literatura, que trará alguns estudos já feitos sobre a temática abordada nesse trabalho, o terceiro capítulo será sobre a Metodologia, explicando o método escolhido, como os dados foram coletados e o critério da pesquisa. O capítulo seguinte abordará sobre os dados e fará a análise sobre os mesmos de acordo com o referencial teórico, será o capítulo de Apresentação e Discussão dos Dados, e por último, o trabalho apresentará as Considerações Finais.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Em busca de compreender a relação proposta e analisar a temática foi escolhida a teoria do filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu, tanto por suas pesquisas, quanto por sua própria experiência acadêmica.

Bourdieu foi à própria exceção de sua teoria pessimista enquanto a educação, pois o autor teve origem humilde, segundo Cerri e Silva (2013), e por esse fator, segundo o próprio pensamento de Bourdieu, não se esperaria grandes êxitos acadêmicos, mesmo ele se destacando na escola, porém, ele conseguiu superá-las, chegando a mais do que um diploma universitário, se tornando um grande autor e criador de importantes teorias. “[...] Interessante notar que Bourdieu vem de origem humilde e alcança ainda jovem o topo da academia. (CERRI; SILVA, 2013, p.177).

Segundo Nogueira e Nogueira (2002), Bourdieu propõe em 1960 uma nova forma de interpretar a escola e a educação, que explicaria, até o momento, questões que antes não conseguiam ser explicadas, as desigualdades escolares. Se opondo a perspectiva anterior meritocrática e igualitária em oportunidades (que entrou em crise nesta mesma década), Bourdieu, segundo os autores, percebeu uma reprodução e legitimação das desigualdades sociais, onde a educação perdeu seu papel democrático e transformador e passou a ser legitimadora de desigualdades. “Para Bourdieu, portanto, a cultura escolar, socialmente legitimada, seria, basicamente, a cultura imposta como legítima pelas classes dominantes” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p.28). Com isto, a neutralidade da escola passa a ser questionada, sujeitos diferentes, de classes e culturas diferentes seriam encaixados no sistema de uma mesma forma? Como se daria a relação entre suas oportunidades e seus desempenhos?

Para tratar sobre o assunto é importante compreender a forma que Bourdieu caracteriza os sujeitos:

Uma das teses centrais da Sociologia da Educação de Bourdieu é a de que os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar. O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular –, mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p.18)

Ou seja, para Bourdieu, cada ser humano é diferente à medida que este ser está inserido em estruturas sociais diferentes, os alunos na sala de aula não são mentes vazias esperando serem preenchidas, eles já levam para escola uma bagagem. Thiry-Cherques (2006) aborda que Bourdieu não trabalhava com o conceito “sujeito”, e sim “agente”, pois para ele os indivíduos seriam agentes por atuarem e saberem que possuem um senso prático, e estão inseridos no sistema de preferências, classes e que esse sistema permeia sua percepção.

Em relação ao acesso ao ensino superior, Bourdieu afirma que “vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais.” (BOURDIEU, 2007, p.41). O autor continua tratando da questão afirmando que um jovem da camada superior apresenta muito mais chance que os outros, podendo ter o dobro de chances a mais que um jovem da classe média e até oitenta vezes mais chances que um jovem filho de um trabalhador assalariado agrícola de entrar em uma Universidade. E com isso, até a questão do investimento escolar das famílias é pensado, pois:

[...] o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido. Pelo fato de que os benefícios materiais e simbólicos que o certificado escolar garante, dependem também de sua raridade (BOURDIEU, 2001, p. 79).

Para o certificado escolar ser considerado algo de valor, ele tende a ser algo que nem todos possam ter acesso, de acordo com a citação a cima. Então, a classe dominante não veria como vantagem deixar esse “privilegio” para toda a população, assim como, não seria vantajoso à classe baixa se esforçar tentando ter algo que muito dificilmente conseguiria obter. Tendo essa percepção, Bourdieu, segundo Nogueira e Nogueira (2002), sistematizou o investimento escolar de cada classe de acordo com as possibilidades e as probabilidades de êxito de cada uma delas. Então, para Bourdieu, as classes populares investiriam mais em carreiras escolares curtas, visando à rápida inserção no mercado de trabalho, e só tenderiam a investir mais nos estudos caso, a criança se destacasse o suficiente para que o “risco” valesse. Já a classe média tenderia a investir bastante no sucesso escolar para buscar uma ascensão, e as elites também investiriam bastante na educação escolar, porém, seria um investimento mais descontraído e tido como um retorno certo, algo natural. Mas todas essas decisões seriam pensadas pelas próprias experiências anteriores das classes, e de acordo com as experiências de cada família.

Para melhor abordar o tema, é importante, também, ver outras possibilidades e contribuições críticas ao tema, e para isso, o artigo “A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições” exerceu um papel fundamental:

Contrapondo-se a essa perspectiva, uma série de autores tem acentuado, em primeiro lugar, que o conteúdo escolar não pode ser, globalmente, definido como sendo um arbitrário cultural dominante. Boa parte dos conhecimentos veiculados pela escola seria epistemologicamente válida e merecedora de ser transmitida [...] Um segundo aspecto diz respeito à diversidade interna do sistema de ensino. As escolas e os próprios professores, dentro delas, não seriam todos iguais. Há variações no modo de organização da escola [...] (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p.33)

Temos sim, diversos tipos de escolas e de professores e alguns conteúdos que são justificados como essenciais para todos os alunos, mas para entender melhor todas as questões apresentadas por Bourdieu e até suas críticas se faz necessário compreender alguns conceitos fundamentais do autor, que podem nos trazer de forma mais palpável sua teoria, que não é uma teoria microssocial (por isso as críticas), mas sim, macrossocial.

1.1 O conceito de Capital em Bourdieu

O que seria essa bagagem que os alunos levam consigo para sua escola? Para Bourdieu, além das questões de classe e de Capital Econômico, existem outros acúmulos que interferem diretamente na vida dos agentes, o Capital Simbólico, Capital Social e o Capital Cultural.

Thiry-Cherques (2006) diz que Bourdieu deriva o conceito de “Capital” da questão econômica mesmo, mas afirma também que esse conceito é bem complexo pois, Bourdieu utiliza esse conceito para além de acúmulo de bens e riquezas, considerando também, o Capital Cultural, correspondente aos conhecimentos, ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas/transmitidas pela família e pelas instituições escolares, como também habilidades e informações, Capital Social relacionado aos contatos sociais, e o Capital Simbólico, que englobaria os outros três.

Em relação ao Capital Cultural, mais especificamente, Bourdieu trata que:

[...] a noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (BOURDIEU, 2007, p.73).

Apesar de fazer a diferenciação dos Capitais é possível perceber que ambos se relacionam, e quando se possui um Capital Econômico é mais fácil conquistar um Capital Cultural, assim como, quando se tem um Capital Cultural, provavelmente, se terá um Capital Social e Simbólico compatível com esse Capital. Na escola, o Capital que está mais em voga é o Capital Cultural, pois este se relaciona com conhecimentos valorizados pelas instituições escolares e pela sociedade em geral, mesmo sabendo que esses conhecimentos e esse Capital são amplamente influenciados por outros Capitais. E o que Bourdieu critica, justamente, é que isso torna o desempenho escolar injusto, sendo que este fator não era considerado, e muitas vezes ainda não é, fazendo uma distorção das diferenças das capacidades individuais:

As diferenças nos resultados escolares dos alunos tenderiam a ser vistas como diferenças de capacidade (dons desiguais) enquanto, na realidade, decorreriam da maior ou menor proximidade entre a cultura escolar e a cultura familiar do aluno. A escola cumpriria, assim, portanto, simultaneamente, sua função de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais. A reprodução seria garantida pelo simples fato de que os alunos que dominam, por sua origem, os códigos necessários à decodificação e assimilação da cultura escolar e que, em função disso, tenderiam a alcançar o sucesso escolar, seriam aqueles pertencentes às classes dominantes. A legitimação das desigualdades sociais ocorreria, por sua vez, indiretamente, pela negação do privilégio cultural dissimuladamente oferecido aos filhos das classes dominantes (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p.30)

Ou seja, a sociedade padroniza a forma de ver as pessoas, e a escola seus alunos, esquecendo suas origens, seus meios sociais, e quando há um fracasso escolar, a culpa se torna do indivíduo e não do sistema.

1.2 Campo para Bourdieu

Para tratar sobre o meio que os agentes estão e onde ocorrem os acúmulos de Capitais, será abordado o conceito de Campo. Thiry-Cherques (2006) aborda que o social é formado por campos, que seriam espaços de relações objetivas e que tem sua própria lógica. E que para Bourdieu, um campo se relaciona tanto quanto um “campo de forças”, quanto um “campo de lutas” para seus agentes, que se percebem nesse meio e agem de acordo com suas posições em relação a esses campos, sendo que esses campos não tem sua estrutura fixa e podem ter sua estrutura conservada ou modificada.

Piedade (2013) trata que o espaço social do campo é estruturado, para Bourdieu, e que isso significa dizer que há uma hierarquia quanto às posições dos agentes nos campos e que as posições sociais não são harmônicas.

O conceito de campo pode ser entendido como um espaço estruturado onde as atitudes dos sujeitos, as relações estabelecidas, os interesses como um ambiente dentro do qual detectamos as ações dos indivíduos se organizam e obedecem as normas sociais de organização do campo. (PIEDADE, 2013, p.26)

Ou seja, para Bourdieu, existem diversos tipos de campos, e os valores e as regras serão estabelecidos de acordo com o campo em que se encontra. Por exemplo, para o Campo Acadêmico, artigos, certificados, são de grande prestígio, porém, para o Campo do Esporte, pensando em jogadores de futebol, o que é valorizado é o desempenho do jogador nos jogos. Então, os agentes se organizam em função das regras do seu campo. Com isso, também, é possível perceber que um agente pode estar em mais de um Campo.

Como em um esporte, ou em um jogo, os jogadores (Agentes) cumprem certas funções e se encontram em certas posições (em relação ao Campo), mas nem sempre os jogadores estão na posição que lhes agrada, e em alguns casos, há pessoas querendo entrar nesse jogo que ainda não conseguiram, e outras que não querem deixar novos jogadores entrarem. Tratando disso, Bourdieu afirma:

[...] Mas sabe-se que em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. (BOURDIEU, 1983, p.89)

Ou seja, o Campo está em constante movimento, pois:

Aqueles que, num estado determinado da relação de força, monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, tendem a estratégias de conservação [...] (BOURDIEU, 1983, p.90)

Como é possível ver, há diversos tipos Campos, como social, científico, e em cada um deles há um certo domínio e uma disputa interna, uma luta, entre os agentes que fazem parte desse Campo e também entre os que querem fazer parte, sendo que cada um destes agentes estão posicionados em hierarquia. Os Campos têm suas próprias regras, hierarquias e princípios. E com essa teoria é possível refletir sobre a dificuldade de mudar de posição, como também o bloqueio para essa ascensão.

1.3 *Habitus* em Bourdieu

Com a necessidade de compreender os comportamentos e as relações dos agentes e as estruturas sociais que ocorrem dentro desses Campos, Bourdieu utiliza o conceito de *Habitus*, que pode ser explicado como:

[...] um sistema de disposição duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciação e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983. p.65)

O *Habitus* se relaciona com as estruturas sociais existentes no cotidiano dos indivíduos, sendo uma forma de adaptação social do indivíduo, fazendo uma mediação entre as práticas e as condições sociais de existência, conduzindo as ações dos indivíduos nos diversos campos sociais. Neste aspecto, Bourdieu se assemelha ao clássico Émile Durkheim, pois para este as estruturas sociais implicam nas ações dos indivíduos. O *Habitus* é adquirido pela interação social, sendo o organizador desta interação. Então, é possível verificar que “o conceito de *habitus*, na obra de Bourdieu, foi elaborado a partir do entendimento de que o indivíduo, ainda que ativo, sofre o peso das estruturas sociais.” (SERRADOR, 2015, p. 20).

Thiry-Cherques (2006) diz que o *Habitus* é individual e também é coletivo, sendo a interiorização da objetividade social produzindo uma exteriorização do que está no interior. “A teoria do *habitus* e a teoria do campo são entrelaçadas. Uma é o meio e a consequência da outra”. (THIRY-CHERQUES, 2006, p.32).

Os conceitos de Pierre Bourdieu conversam entre si, onde um complementa e dá sentido ao outro:

[...] a dinâmica social se dá no interior de um /campo/, um segmento do social, cujos /agentes/, indivíduos e grupos têm /disposições/ específicas, a que ele denomina /*habitus*/. O campo é delimitado pelos valores ou formas de /capital/ que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Nessas lutas são levadas a efeito /estratégias/ não conscientes, que se fundam no /*habitus*/ individual e dos grupos em conflito. Os determinantes das condutas individual e coletiva são as /posições/ particulares de todo /agente/ na estrutura de relações. De forma que, em cada campo, o /*habitus*/, socialmente constituído por embates entre indivíduos e grupos, determina as posições e o conjunto de posições determina o /*habitus*/. (THIRY-CHERQUES, 2006, p.31).

Ou seja, dentro do Campo estão Agentes que estão em determinadas posições através do *Habitus*, sendo que o Campo segue valores regidos pelos Capitais que os sustentam e nesse Campo ocorrem lutas e relações de força entre os Agentes, mostrando como os conceitos se relacionam.

1.4 Breve diálogo entre as teorias de Bourdieu e Lahire

Bourdieu utiliza uma perspectiva sociológica mais voltada ao macrossocial, já Bernard Lahire, critica essa perspectiva, pois acredita que se deva olhar o microssocial também. Nogueira e Nogueira (2002) abordam que Lahire observa a necessidade de se estudar a família na sua individualidade, suas dinâmicas internas, suas interdependências sociais e afetivas, para que assim, se consiga compreender como os Capitais e o *Habitus* são ou não transmitidos entre pais e filhos, percebendo o grau dessa transmissão também.

Nogueira (2013) trata que Lahire tem pontos de críticas, mas também de aproximação com Pierre Bourdieu:

A obra de Lahire se define, em grande medida, a partir do diálogo, explícito ou não, que estabelece com a Sociologia de Bourdieu. Por um lado, é possível identificar uma linha clara de continuidade entre as perspectivas teóricas dos dois autores. A obra de Lahire se insere claramente nos limites da teoria da prática inaugurada por Bourdieu. (NOGUEIRA, 2013, p.1)

A teoria de Lahire faz um diálogo com a teoria proposta por Bourdieu, e esse diálogo ocorre em maior parte sobre o conceito de *Habitus*. Bourdieu, segundo Ortiz (1983), afirma que a homogeneidade dos *Habitus* de grupo é assegurada à medida que os Agentes internalizam as representações objetivas, segundo as posições sociais que se encontram, interiorizando as estruturas sociais que os cercam. “Para Lahire (2004), o conceito de *habitus* elaborado por Bourdieu, não contempla a pluralidade e heterogeneidade das disposições incorporadas pelos sujeitos.” (SERRADOR, 2015, p.24). Lahire, assim como Bourdieu, não vê o indivíduo de forma autônoma, ele também acredita que a estrutura social tem influencia no ser, mas ele acredita que essa estrutura têm um carácter mais plural e não unificado, como em Bourdieu, acreditando que esse processo é mais complexo. “Lahire se afasta de Bourdieu ao propor um olhar mais atento em relação à diversidade de experiências de socialização a que um mesmo ator é submetido (mais ou menos precoces, intensas, sistemáticas e coerentes entre si), ao carácter plural” (NOGUEIRA, 2013, p.1).

Serrador (2015), afirma que ao defender essa tese, Lahire cria um contraponto entre a teoria de Bourdieu, entre pluralidade/unicidade dos sujeitos, dizendo que Lahire discorda de Bourdieu quanto à homogeneidade dos grupos sociais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Há algumas produções que abordam sobre a temática proposta neste trabalho e que somam com a teoria de Pierre Bourdieu.

Piotto (2010) aborda em seu artigo “Universitários de camadas populares em cursos de alta seletividade: aspectos subjetivos” sobre aspectos subjetivos que estão nas trajetórias escolares, como também nas próprias experiências universitárias, de estudantes considerados de camadas populares em cursos de alta seletividade no Ensino Superior Público para compreender o acesso e a permanência destes. Para realizar essa pesquisa Piotto entrevistou cinco alunos de classes populares que estudam em uma universidade pública que, segundo a autora, é considerada importante, e que estão cursando cursos de alta seletividade. A autora do artigo conta em seu texto que os trabalhos que tratam sobre o sucesso escolar de alunos de camadas populares no Brasil é menor do que os que tratam do fracasso escolar. E para basear sua pesquisa utilizou como referência os sociólogos Lahire e Bourdieu, empregando o conceito de capital cultural de Lahire, que diferente de Bourdieu, define, segundo Piotto (2010), como um princípio socializador que seria mais adequado ou próximo ao mundo escolar.

Já Brocco e Zago (2014), no artigo “Condição do estudante de camadas populares no Ensino Superior”, têm como objetivo realizar uma revisão da produção do conhecimento sobre como está sendo abordada a temática de acesso e permanência das camadas populares no ensino superior. Utilizando produções feitas entre 2003 e 2013, pois, segundo as elas, foi um ano de implementação de várias políticas educacionais para o ensino superior. É relatado no texto também, que a pesquisa surgiu através de um levantamento dos trabalhos apresentados nas reuniões que acontecem anualmente na ANPEd. Sobre a ampliação sobre o número de matrículas Brocco e Zago (2014) tratam que:

No Brasil, o número de matrículas no ensino superior entre 2003 a 2012 cresceu 81%. Eram 3.887.022 matrículas em 2003, ampliadas para 7.037.688 de acordo com dados do último censo da Educação Superior. São 31.866 cursos de graduação no país, oferecidos por 2.416 instituições — 304 públicas e 2.112 privadas (INEP, 2013). Como mostram os dados a expansão ocorreu sobretudo no setor privado mantendo desigualdades de oportunidades de acesso ao ensino superior. (BROCCO; ZAGO, 2014, p.2)

Sobre isso, Sobrinho (2010), assim como Brocco e Zago (2014), afirma que a democratização na educação não se detém à ampliação do acesso ou a criação de mais vagas,

é necessário que sejam assegurados os meios para que os alunos permaneçam de forma sustentável no ensino superior.

Sobrinho (2010) publicou um artigo “Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão” tratando sobre a democratização na educação superior no Brasil, abordando que esta não deve ser vista como uma mercadoria, pois se fosse vista assim, não seria democrática, porque seria acessível apenas para os que pudessem comprá-la. Trata também sobre as políticas públicas nesse ensino, tratando também sobre a qualidade. Como já foi dito, o autor também se posiciona nesse artigo afirmando que as políticas públicas devem ir além do aumento de vagas e da inclusão desses alunos, devendo garantir a permanência e conclusão desses. O autor utiliza dados e pesquisas anteriores para discutir cada um desses temas.

Zago (2006), em seu artigo “Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares” aborda que com as transformações no contexto social político e educacional e as mudanças na sociologia com a problemática das desigualdades sociais na escolarização foi gerada uma contribuição para que os estudantes tivessem um novo lugar nos estudos sociológicos de educação, como estudos de processos escolares, estratégias familiares de escolarização, entre outros. Mas entre os trabalhos nessa linha, a autora conta que cita algumas tendências de pesquisas que elegem a problemática do estudante universitário de origem popular. E esse artigo em específico é o produto de uma pesquisa de Zago (2006), que foi desenvolvida em alguns anos, sobre a escolarização nos meios populares, tratando especialmente as trajetórias escolares nos ensinos fundamental, médio, e superior, centrando a pesquisa em “questões relacionadas às desigualdades educacionais com longa tradição na sociologia da educação e à presença de estudantes de origem popular na universidade” (ZAGO, 2006, p. 226)

A pesquisa de Zago (2006) questiona sobre o sucesso escolar, se ele representaria acesso, escolha, condições de inserção. O estudo foi voltado para estudantes universitários de famílias de baixa renda e pouco capital cultural, a temática é a desigualdade no acesso e permanência no ensino superior. Então, Zago (2006), realizou essa pesquisa de 2001 a 2003 na UFSC, onde o vestibular é altamente competitivo. Os resultados foram obtidos por uma metodologia de natureza quantitativa e qualitativa, em dados dos candidatos ao vestibular e com entrevistas feitas com 27 universitários vindos de escolas públicas, a partir da 4ª fase do curso e vindos de 11 áreas de conhecimento diferentes.

Alvarenga et al. (2012) fizeram uma pesquisa, onde utilizaram algumas referências quanto ao trabalho de Zago (2006). A pesquisa deles buscou entender os desafios que os

estudantes oriundos de escolas públicas enfrentam, analisando o curso de Administração da Universidade Federal de Lavras no período de 2005 a 2010. Alvarenga et al. (2012), autores do artigo “Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA” utilizaram para pesquisa uma abordagem que tem como predominância o aspecto qualitativo para fazer a pesquisa sob a perspectiva desses alunos, utilizando questionários semiestruturados e um grupo focal. Vinte e seis alunos que viveram de escolas públicas responderam os questionários que foram enviados pelo *Google Docs*.

Quanto aos resultados, Piotto (2010) percebeu que o discurso dos entrevistados demonstrava que eles tiveram uma trajetória escolar de solidão e de sentimento de não pertencimento, a maior parte dos entrevistados teve experiência em escolas particulares. O ingresso na universidade pública demonstrou uma mudança positiva na vida desses estudantes, como também na de suas famílias, abrindo portas para expandir os horizontes e os pensamentos, podendo trazer crescimento. A autora conclui que muitos alunos como eles não conseguiram obter o mesmo resultado, entendendo que as trajetórias individuais e sociais são fruto de uma construção coletiva baseada numa rede de apoio, que pode variar tanto em tamanho quanto em relevância, mas que estiveram nas trajetórias dos entrevistados.

A questão da desigualdade social, segundo Brocco e Zago (2014), permanece no ingresso a universidade, junto com a solidão e o sentimento de desenraizamento. Mas elas abordam que para além dessas questões, há fatores positivos com a entrada desses alunos na universidade, como a mudança de pensamento deles e de suas famílias. Como conclusão Brocco e Zago (2014), constataram com os trabalhos que foram analisados que a sociologia da educação possui grande importância para produção de conhecimento sobre as desigualdades, tanto de acesso, quanto de permanência desses alunos de classes populares na universidade. Concluindo que as desigualdades escolares e sociais não são superadas com o acesso a universidade, como segundo elas foi observado também por Bourdieu e Champagne (2001). Para Brocco e Zago (2014), o sistema pode estar aberto a todos, porém, está ao mesmo tempo reservado a poucos, demonstrando uma eliminação sutil ao acesso e permanência, principalmente a cursos e instituições de prestígio social, continuando a reprodução de desigualdade. As autoras finalizam indicando a necessidade de estudar as políticas educacionais que foram e estão sendo implementadas, para que se possa conhecer os impactos no acesso e permanência no ensino superior, e destacam a falta de estudos que tratem de alunos bolsistas em instituições comunitárias.

Sobrinho (2010) conclui que só se pode falar sobre democratizar a educação quando a trata como um bem público e não negócio ou mercadoria, sendo que democratizar a educação

não se restringe a quantidade, mas qualidade também. É necessário assegurar permanência dos alunos no ensino superior, e a democratização deveria se estender a gestão, aos currículos, devendo se desenvolver com todo o sistema educativo. Conclui também que é necessário melhorar a infraestrutura geral da educação básica, ensino básico e a formação de professores. E que é preciso continuar tendo ampla participação do Estado nesse assunto, pois uma educação de qualidade é um aspecto de construção da sociedade, sendo também um instrumento de inclusão socioeconômica, segundo o autor. Sobrinho (2010) fala que há sérias dificuldades em ampliação das vagas no ensino superior, pois os recursos já estão insuficientes e a capacidade e interesse das instituições privadas está no limite. Deixando claro, que transformações na educação superior estão atreladas a mudanças estruturais da sociedade.

Na pesquisa de Zago (2006), ela concluiu que os indicadores relacionados à origem social e a vivência escolar passada dos aprovados no vestibular destacam grande desigualdade de acesso e a seletividade da hierarquia dos cursos universitários. Existe um sentimento de pertencimento/não-pertencimento dos alunos dependendo do curso e da configuração social dos alunos da turma. Muitos alunos precisavam trabalhar para se manter, além de estudar, havendo um conflito entre o “ser estudante”, pois:

Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer, materializada em uma gama variada de situações: carga horária de trabalho, tempo insuficiente para dar conta das solicitações do curso e outras, de ordem social e cultural, condicionadas pelos baixos recursos financeiros (privar-se de cinema, teatro, espetáculos, eventos científicos, aquisição de livros e revistas etc.) (ZAGO, 2006, p.235)

Zago (2006), diz que tentou mostrar com esse trabalho que mesmo os alunos oriundos de escolas públicas estarem ingressando no ensino superior ainda ocorrem diferenças sociais, e que elas não ficam ocultas por eles terem acesso a esse nível de ensino.

Alvarenga et al. (2012) tiveram como conclusão que a formação dos estudantes de escola pública é cheia de dificuldades, como falta de estrutura e recursos, professores desmotivados, alunos desinteressados, tanto pelo cansaço físico ou por falta perspectivas para o futuro. Tendo também um afastamento entre eles e a universidade, onde há falta de divulgação das oportunidades faz com que o ensino superior fique distante de grande parte desses estudantes. Alvarenga et al. (2012) também concluíram que as diferenças entre os estudantes de renda baixa e outros vão além de questões econômicas, sendo também desigualdades de oportunidade entre as classes sociais. E terminam com o questionamento, se

os estudantes após saírem da universidade terão as mesmas oportunidades no mercado de trabalho? As desigualdades acabarão?

É possível perceber que todos os artigos e em todas as pesquisas os resultados são parecidos, os autores afirmam que a educação superior ainda não está democratizada, e abordam também que não adianta aumentar as vagas ou criar programas para que os alunos ingressem em instituições privadas, caso não consigam vaga nas instituições públicas. Os pesquisadores e autores acima, em geral, percebem na fala dos entrevistados sentimentos de não pertencimento, principalmente em cursos de alta seletividade e hierarquizados; Nota-se também que todos tratam quanto à dificuldade de permanência dos alunos provenientes de escolas públicas e baixa renda e concluem que é necessário fazer algo, como políticas públicas, a respeito disso, pois só assim continuará o caminho para um ensino superior democratizado.

3 METODOLOGIA

Essa seção irá abordar sobre a metodologia escolhida para a pesquisa e a forma de recolhimento dos dados para a mesma, assim como, os critérios e os procedimentos para a elaboração desta.

3.1 Reflexibilidade Reflexa

A perspectiva metodológica escolhida para a pesquisa foi a Reflexibilidade Reflexa, que segundo Oliveira e Piccinini (2007), geralmente é utilizada para a construção de conhecimento, onde tanto o pesquisador, quanto os sujeitos entrevistados, estão na busca da produção de conhecimento, construindo um processo detalhado de reflexão e de interrogação dos dados obtidos e do contexto em que se encontram. “Entre os autores que destacaram a importância da reflexividade está Pierre Bourdieu, que aponta a importância de um processo reflexivo baseado tanto na observação do assunto de pesquisa, quanto na reflexão do próprio pesquisador.” (OLIVEIRA; PICCININI, 2007, p.7).

Para Scartezini (2012), Bourdieu apoiava uma ciência social reflexiva, que pudesse controlar as suas obliquidades e ser independente de “ritos de instituições”. Ela diz que os conceitos de Campo e *Habitus* trazem uma complexibilidade a sua metodologia, a tornando mais densa, pois o autor não trata o objeto de estudo isoladamente, mas considera suas relações.

Bourdieu trata disso afirmando que:

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma reflexividade reflexa, baseada num trabalho, num olho sociológico permite perceber e controlar no campo, na própria condução da pesquisa os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência dos próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos na ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas (BOURDIEU, 2001, p. 694)

Bourdieu pressa por integrar uma reflexão minuciosa para que o pesquisador consiga de fato compreender a pesquisa e os dados referentes a ela, tentando relacioná-las com seu contexto e tentando relacionar os efeitos que surgem com a própria pesquisa.

Oliveira e Piccinini (2007) abordam que Bourdieu considera que muitas vezes os dados das pesquisas podem ser distorcidos pelo *Habitus* do próprio pesquisador, em vez dos

entrevistados. E, segundo os autores, Bourdieu propõe que o próprio pesquisador deve se auto analisar, sendo a análise e reflexão um processo contínuo, devendo pertencer a todas as partes da pesquisa.

3.2 Entrevista Semiestruturada

Em relação à forma de coleta de dados da pesquisa qualitativa feita, foi utilizada a entrevista semiestruturada. Que é definida por Triviños da seguinte forma:

Pensamos, entretanto, que a entrevista semi-estruturada mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo, permite a relevância na situação do ator. Este traço da entrevista semi-estruturada, segundo nosso modo de pensar, favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores. De toda maneira, diante destas últimas situações, é necessário lembrar que os instrumentos de coleta de dados não são outra coisa que a "teoria em ação", que apoia a visão do pesquisador. (TRIVIÑOS, 1987, p. 152)

Triviños trata que a entrevista semiestruturada é centrada em questionamentos básicos da temática da pesquisa, que depois vão se expandindo ao logo da entrevista, de acordo com a resposta dos entrevistados. Boni e Quaresma (2005) tratam que essa forma de entrevista combina perguntas abertas e perguntas fechadas, conferindo ao entrevistado a possibilidade de fala sobre a temática, e que para isso o entrevistador deve, segundo eles, seguir um conjunto de perguntas definidas de forma prévia, porém, tendo a liberdade para dirigir o rumo da entrevista, podendo acrescentar perguntas para melhor exploração do tema, e que com isso, o contexto da entrevista se parece com o de uma conversa informal.

Para tanto, foi criado um roteiro de entrevista com trinta e duas perguntas para a pesquisa, e ao logo da entrevista foi-se acrescentando mais indagações e questionamentos, partindo da fala dos sujeitos entrevistados.

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

De acordo com as falas de cada entrevistado surgiram novos questionamentos, que ora eram restritos aquele entrevistado, ora serviam para acrescentar no conteúdo de toda pesquisa. Durante a pesquisa, buscou-se seguir as recomendações de Triviños, como por exemplo, explicar o objetivo da pesquisa antes da entrevista, para auxiliar, como Triviños (1987) afirma, o sujeito a se situar na posição de contribuinte da pesquisa.

3.3 Critérios, organização e interpretação dos dados

Para recolhimento dos dados foram aplicadas três entrevistas semiestruturadas, com alunos dos dois cursos com a nota de corte mais alta da Universidade de Brasília, Medicina e Direito, respectivamente, de acordo com a nota de corte do PAS 2017. Os alunos foram selecionados por reportagens, as quais abordavam justamente sobre a aprovação dos mesmos. O critério para a entrevista foi baseado em os sujeitos serem provenientes de escolas públicas, terem passado em um desses cursos nos dois últimos anos, estar em reportagem sobre a temática e a disponibilidade dos mesmos.

Os entrevistados foram escolhidos através das reportagens, onde, a pesquisadora buscou pelos nomes fornecidos nas reportagens em redes sociais e conseguiu achar cinco possíveis entrevistados, porém, apenas dois deram resposta à solicitação, por esse motivo, um dos entrevistados não cumpriu o critério de seleção por reportagem e foi indicada por outro aluno que participou da entrevista. O contato entre a pesquisadora e os sujeitos selecionados foi feito através da rede social *Facebook*, onde foi feito o convite e marcado a entrevista.

As entrevistas aconteceram no campus Darcy Ribeiro da UnB, na Faculdade de Educação, no mês de junho de 2017. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas, para que, em seguida, fossem analisadas a luz do referencial teórico. A organização da análise dos dados foi feita a partir de eixos, com base nas temáticas que se destacaram e estavam atreladas a teoria da pesquisa (I. Capitais, II. *Habitus*, III. Trajetória Escolar, IV. Sucesso Escolar, V. Influências, VI. Cotas).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Em relação à apresentação dos dados, como dito na metodologia, serão apresentadas as entrevistas feitas a três estudantes dos dois cursos de nota de corte mais alta na UnB, todos estudantes vieram de escolas públicas, foram achados por reportagens, exceto um, que foi por indicação de outro entrevistado. O contato feito com os entrevistados foi via redes sociais e as entrevistas foram feitas na Faculdade de Educação da UnB.

Primeiramente será feita uma breve identificação dos sujeitos, em seguida os dados das entrevistas serão analisados por eixos: I. Capitais II. *Habitus*, III. Trajetória Escolar, IV. Sucesso Escolar, V. Influências, VI. Cotas.

4.1 Breve identificação dos entrevistados

Para melhor compreensão dos dados e das entrevistas, será feita uma breve identificação de cada entrevistado, preservando seu anonimato, como foi garantido no Termo de Confidencialidade. Para isto, os entrevistados serão identificados como Aluno1, Aluno2, Aluno3. Dois alunos são mulheres e um homem, estão entre 18 e 19 anos.

Todos os entrevistados ingressaram na Universidade de Brasília através do PAS (Programa de Avaliação Seriada) entre 2016 e 2017, estudaram seu ensino médio completo em escolas públicas, utilizaram as cotas para ingresso na Universidade e estão cursando sua primeira graduação, matriculados em cursos presenciais, e são de um dos dois cursos de maior nota de corte da Universidade de Brasília.

4.1.1 Aluna1

Possui 18 anos, estuda Direito e está no primeiro semestre. Estado civil é solteira, depende financeiramente dos pais, não possui nenhuma renda e mora com a mãe e mais dois irmãos. Mora em Águas Claras, uma Região Administrativa de Brasília, se considera renda baixa e não possui nenhuma religião ou crença. Estudou toda sua formação em ensino público.

Em relação à escolaridade familiar, a mãe tem ensino médio completo e o pai ensino superior incompleto. Tem uma irmã com ensino superior completo e outra que não possui (mas que para o entrevistado tem uma vida “bacana”), um irmão gêmeo que está cursando

Engenharia Mecatrônica na UnB, um irmão mais novo que está na escola, e um irmão com Síndrome de Down, que trabalha no STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Entrou na UnB por cotas de escola pública e de renda baixa. Utiliza transporte público, metro e ônibus para ir à faculdade. Atualmente sua forma de lazer é assistir filmes, séries, jogar vídeo game, quando tem tempo. Se considera uma pessoa caseira. Na infância fez vôlei no Programa Atleta do Futuro, no Sesi, mas apesar disso, seu esporte preferido é natação, contou que fez vôlei porque é alto e o pai fez quando era adolescente. Atualmente não tem nenhuma atividade extracurricular. Fez inglês desde a quinta série até o ano passado no CIL e pretende terminar seu último semestre lá, além de fazer um curso de conversação. Gosta muito de filmes de aventura e costumava ler muitos livros de fantasia.

Quando tem horário vago costuma ir para sala de estudo da UnB ou estuda em casa. Utiliza muitas das tecnologias e a internet, principalmente agora na faculdade, para não ter que andar com muitas xérox. Utiliza esses meios tanto pra faculdade quanto para lazer, mas ultimamente tem usado mais para faculdade por falta de tempo. Não viaja a bastante tempo, acredita que a última foi em 2012 e nunca fez uma viagem internacional.

Estudou todo seu ensino básico em escolas públicas, o ensino fundamental foi feito quase todo em Brazlândia, sendo que a sétima e oitava série na Ceilândia. O ensino médio foi feito no Setor Leste, Plano Piloto. Fez cursinho no terceiro ano. Se considera alguém ansiosa e disciplinada com os estudos. Sempre teve notas boas, contou que as notas caíram no ensino médio por conta de projetos em grupo. Tem vontade de estudar na UnB desde o dez anos e escolheu o curso no final do terceiro ano, ano que também fez cursinho.

4.1.2 Aluno2

O Aluno2 possui 19 anos, está no terceiro semestre de Medicina, mas se encontra fora de fluxo (está um semestre atrasado), também tem como estado civil, solteiro, e depende financeiramente de uma pensão que recebe do pai e de um auxílio que recebe da UnB. Mora sozinho ultimamente, na Asa norte, Plano Piloto, mas morava com a família no Riacho Fundo, Região Administrativa de Brasília. Acredita ser de classe média e é cristão. Estudou grande parte do ensino básico em escola pública, mas também estudou alguns anos em escola particular.

A mãe terminou o ensino médio e fez curso de enfermagem, o pai terminou o ensino médio, começou várias faculdades antes do Aluno2 nascer, e depois fez uma a faculdade à

distância. Tem um irmão no 8º ano do ensino fundamental e outro que está no 3º ano do ensino médio. O pai trabalha na parte de recursos humanos da Caixa Econômica Federal e a mãe é técnica em enfermagem.

O Aluno2 entrou utilizando as três cotas, escola pública, renda baixa e PPI, se declarando pardo. Utiliza o ônibus como meio de transporte para ir a Universidade. Suas formas de lazer atuais são frequentar festas com amigos, assistir séries, quando tem tempo. Antigamente, passava bastante tempo com a minha família, fazendo coisas juntos e indo ao cinema e a igreja. Ele disse não conseguir mais ler os livros que lia antes e falou que faz muito tempo que não vai ao cinema com a família. Está matriculado na natação, mas declarou que mais falta do que faz. Fez CIL, se formou em inglês, mas também já fez alemão e francês.

Gosta dos livros “Desventuras em Séries”, com o qual teve sua primeira experiência com a leitura, pegando ele na biblioteca da escola, e “Jogos vorazes”, filmes baseados em fatos reais, gosta de todos tipos de música, citou gospel e clássica. Esportes preferidos são ginástica e natação.

Em relação aos estudos, tem o costume de estudar na BCE, na sala de estudos 24h do BSA e em casa. Utiliza as tecnologias e internet, grava áudios em algumas aulas, usa o *Whatsapp* como lazer e utiliza menos o *Facebook* agora por falta de tempo. Fez uma viagem internacional pelo Brasília Sem Fronteiras antes de entrar na UnB, para o Arizona, ficou um mês lá, o projeto pagou toda a viagem.

O Aluno2 já estudou no Núcleo Bandeirante, Sobradinho, Jaraguá – Goiás, disse que cada ano era uma escola diferente. Estudou três a quatro anos do ensino fundamental em escola particular. No ensino médio estudou foi no Setor Leste, Plano Piloto, teve uma bolsa no cursinho do ALUB e no terceiro ano fez Galt, um cursinho gratuito. A mãe falou para ele sobre o PAS, mas ele disse que ela não sabia muito sobre o assunto. Escolheu medicina por vontade de cuidar das pessoas. Quanto ao assunto da escolha do curso e a vontade de querer cuidar dos outros ele declarou:

Eu sempre quis algo na área da saúde, algo que eu pudesse estar lidando com o outro, algo que eu pudesse ter contato humano e até por uma questão de realização pessoal de um encontro de sentido pessoal, e eu encontrei isso na medicina [...] porque nessas crises existenciais da vida, que a gente tem, eu parei pra pensar e eu, assim, na minha cabeça, tirando questão religiosa, a vida não faz muito sentido e o único sentido que eu encontrei na vida é ajudando o próximo na área da saúde, é o que assim, eu encontrei. Claro que existe outras formas de ajudar, por exemplo: educando... mas eu me vi que nossa, eu consigo fazer isso, é na saúde.

Seu desempenho escolar no ensino básico foi considerado por ele ótimo, exceto na oitava série, onde teve uma decaída e no ensino médio suas notas beiram a média, tantos pelos projetos em grupo, quanto por problemas de saúde, depressão.

4.1.3 Aluna3

Tem 19 anos, cursa medicina e está no terceiro semestre, está solteira. Depende financeiramente dos pais e também não possui nenhuma renda para se manter. Mora com os pais e os dois irmãos, um irmão está no ensino médio e a outra tem dois anos. Mora no Recanto das Emas e utiliza ônibus para ir a UnB, demora umas duas horas. Em relação à classe social, achou difícil classificar, porém, acredita ser classe média. É católica. O pai tem ensino médio incompleto e é gerente de uma loja que vende peça pra ônibus, a mãe termina a faculdade de educação física semestre que vem, mas ela já fez pedagogia e ela fez metade do curso de biologia também.

Ingressou em medicina pelo PAS e é cotista de escola pública. Na infância tinha como lazer brincar na rua, fazia inglês, ballet e natação, hoje seu lazer é passar tempo com a família e não tem mais nenhuma atividade extracurricular. É bastante eclética quanto ao seu gosto e diz gostar muito de filmes. Não gosta muito de esportes.

Tem o costume de estudar em casa, e utiliza as tecnologias e a internet como estudo e lazer sendo, a rede social mais para lazer, e a internet mais para estudo. Nunca fez viagens internacionais e viaja nas férias, uma vez por ano. Estudou seu ensino fundamental em uma escola particular, mas não achava a escola com o suporte suficiente para o curso que queria, então, resolveu ir para uma escola pública, já que não tinha condições de pagar uma escola melhor. Escolheu estudar no Plano Piloto, no Elefante Branco, pois a mãe não queria que eu estudasse numa escola perto de casa, porque considera que o ensino é precário e tem muita droga. Fez pré-PAS no primeiro e no segundo ano e no terceiro fez um cursinho gratuito, mas como achou pesado pela distância e ter aulas todos os dias menos domingo, preferiu no segundo semestre voltar ao pré-PAS, porque era menos vezes na semana.

Declarou que seu desempenho escolar sempre foi muito bom, com relação aos outros alunos, nunca teve problemas com notas, nem recuperação. Escolheu a medicina como uma possibilidade de melhorar financeiramente, dar uma velhice boa aos pais, ajudar os irmãos, mas também pela vontade de ajudar os outros de alguma forma.

4.2 Capitais

Todos os entrevistados dependem financeiramente de alguém, principalmente da família, demonstrando que tem condições de continuarem seus estudos sem a necessidade de trabalhar. Apenas o Aluno2 mora no Plano Piloto, os demais moram em Regiões Administrativas, e o motivo desse aluno morar perto da Universidade é justamente pela distância de onde morava:

[...] mas o motivo “deu” vir morar aqui perto foi exatamente por isso. Porque eu saia muito cedo de casa, tipo, seis horas da manhã eu tinha que tá na parada pra pegar o ônibus e tinha vez que eu chegava 23:30, 0:00 em casa. Todo dia. Porque eu vivo aqui na UnB, mais do que em casa. Então, foi o motivo da minha mudança.[...] Reflete muito no meu desempenho, na disposição, não tem como comparar.

O Aluno2 é o único que mora sozinho, os demais moram com os pais (ou um dos pais) e irmãos. Todos os alunos dependem de transporte público para se locomover até a Universidade, a Aluna3 alegou que demora duas horas de distância. O Aluno2 abordou que acredita que não há como um aluno ser excelente se ele não tem um aparato para estudar e disse que um desses aparatos é o transporte público, pois já viu diversos colegas que não tinham ônibus direito e nem segurança, e foram ficando revoltados por essas questões. Ele mesmo disse que era algo que o desgastava muito no ensino médio e até na UnB, quando morava no Riacho Fundo, pois ia em pé no ônibus por quase uma hora e então já chegava na sala de aula cansado e desestimulado. A Aluna3 disse:

[...] eu perco muito tempo, por exemplo, me deslocando da minha casa, e é um tempo que eu tenho que repor de alguma forma. Assim, manter as coisas em dias e não me atrasar nas coisas, pra não virar uma bola de neve, eu tenho que abrir mão de muitas coisas pra poder... (repor)

Ou seja, se torna muito mais cansativa a rotina desses alunos em relação aos abastados de Capital Econômico, já demonstrando a desigualdade. Em relação à classe, apenas o Aluna1 diz ser renda baixa, os outros dois se consideram classe média, mas todos demonstram pensar um pouco mais para responder essa pergunta. A Aluna1 não possui nenhum tipo de crença e os demais são cristãos, sendo que a Aluna3 é católica. Todos alegam ter dificuldade de tempo para lazer, ficar em casa, ver filmes e séries foram as principais respostas, a Aluna3 tem como lazer estar com a família. Eles falaram ter mais atividades extracurriculares antes de ingressar na Universidade, e apenas o Aluno2 possui atividade extra, a qual disse faltar bastante, ele

também informou que a faculdade acrescentou como lazer festas e oportunidades de lazer culturais como os saraus.

Todos tiveram contato com uma segunda língua, tem costume de estudar em casa ou em lugares de estudos disponibilizados na UnB, e utilizam as tecnologias e a internet tanto para o estudo quanto para lazer, mas atualmente, mais para o estudo. Apenas o Aluno2 realizou viagem internacional, feita por um programa Brasília Sem Fronteiras para o Arizona, EUA, proporcionado pelo Centro Interescolar de Línguas – CIL, onde a viagem foi totalmente custeada. A Aluna3 informou que viaja uma vez por ano nas férias e a Aluna1 diz que não se lembra a última vez que viajou, acredita ter uns cinco anos. Mas sobre a possibilidade de fazer uma viagem internacional e intercâmbio a Aluna1 tratou:

Assim, uma coisa que eu fico pensando hoje já, existe uma vontade geral, de muita gente da turma, pelo menos, de fazer intercâmbio. Então, assim, levando em consideração que o Ciências Sem Fronteiras, o Direito não era mais contemplado, se não me engano, e não tem mais essa possibilidade pra graduação, mas fico pensando nas dificuldades que a gente teria em relação aos outros de se manter lá fora, tudo bem conseguir a bolsa pra estudar na universidade, mas como me manter lá fora? É uma coisa que eu já fico pensando hoje, esses colegas de escola particular por virem de famílias mais abastadas, eles teriam mais facilidade de ter acesso ao intercâmbio do que a gente. É uma especulação minha mesmo.

Como foi tratado no referencial teórico, os Capitais se relacionam e quando se tem um Capital Econômico se torna mais fácil ter os outros também, e isso é visto na fala do Aluno1, pois especula sobre a dificuldade de ter acesso a uma experiência cultural muito valorizada, como o intercâmbio, que seria um acréscimo de Capital Cultural, devido a de Capital Econômico.

O Aluno2 contou que soube do pré-vestibular gratuito Galt através de uma professora que conheceu no Arizona, pois em outra viagem ela conheceu o aluno criador, ou seja, além do grande acréscimo de experiência, conhecer outra cultura, aperfeiçoar o inglês, por fazer a viagem e conhecer a professora, outras oportunidades foram-lhe apresentadas, pelo Capital Social dele. Mas por outro lado, ele também contou que por falta de Capital Social na medicina, ele pode perder muitas oportunidades e aprendizados que ele precisaria antes de entrar no mercado de trabalho que vão além do que o curso na UnB lhe promove e que muitos colegas de curso têm por terem parentes médicos. Segundo Nogueira e Nogueira (2002), para Bourdieu os alunos não são indivíduos abstratos, mas são socialmente constituídos, trazendo bagagens sociais e culturais que são diferenciadas no mundo escolar como mais ou menos

rentáveis, colocando-os em condições mais ou favoráveis nas exigências escolares. Com isso, o discurso da Aluna1 chamou atenção:

[...] eu sempre fui uma aluna que tinha um bom desempenho, então meus professores sempre tinham muito carinho por mim e assim, eles me estimulavam muito, mas assim, os mesmos professores que me estimulavam, às vezes desestimulavam outros, entende? Porque às vezes não tinham bom desempenho e aí, eu já vi professor meu chamando colegas de turma de terceira e quarta série, de “burro”, de “idiota”, porque não se saiam bem na prova, e eu acho que isso é uma coisa que você acaba limitando as possibilidades daquela pessoa, você acaba completamente desestimulando aquela pessoa, e ela coloca na cabeça dela que ela não é capaz.

Ou seja, por ela, em meio à escola que estudava se destacar nas disciplinas existentes era estimulada, a colocando em condições favoráveis ao meio escolar, enquanto os alunos que não tinham o mesmo desempenho, em condições menos favoráveis, onde o professor demonstrou acreditar que o desempenho o aluno se deve a dons pessoais ou a constituição biológica do aluno. Mas não é apenas no ensino fundamental que isso ocorre, os alunos 2 e 3 comentaram sobre o preconceito que sofreram no curso de medicina por serem cotistas, os alunos reprovaram em uma disciplina por décimos, enquanto o professor arredondou a nota de outros alunos que tiraram pouco mais que eles e quando a fizeram a disciplina de novo, o professor deu notas baixas e eles pediram a revisão da prova para entenderem o que estavam errando, então:

[...] aí ele pediu pra gente ir no escritório dele e quando a gente foi lá ele falou que não concordava com cotas, que a gente não devia tá aqui, que a gente não era capaz, que a gente devia escolher um curso a nossa altura, como nutrição e psicologia, ou seja, rebaixando os outros cursos, aí falou que ele se sentiria muito mal se tivesse no nosso lugar em medicina, que a gente devia ficar sempre pra trás até ser jubilado, enfim...Eu falou uma série de coisas, ele acabou com a gente. (Aluno2)

Tratando sobre o mesmo professor:

[...] um professor que falou que por eu ser cotista eu ia tá abaixo dos outros alunos da turma [...] que na turma de medicina entra os melhores do Centro-Oeste e que por eu ser cotista eu não teria capacidade de ser do mesmo nível da turma. Um pensamento que não tá só entre os alunos, tá entre professores também, que tão lá na frente e que acham que só é um bom médico quem vem de família de elite, que tem condições, quem estudou em escola muito boa. (Aluna3)

Quando perguntado aos três alunos sobre a diferença deles para os alunos não cotistas, se eles tinham mais dificuldade, eles alegaram que era uma questão de base do ensino básico,

que às vezes eram pré-requisito para o conteúdo e que eles teriam que ir atrás do que lhe faltou.

É, então... A dificuldade eu não acredito que seja caráter intelectual, caráter de capacidade, mas sim de base, não, é porque tem pessoas que pensam que é intelectual, tem pessoas que pensam que a gente é menos capaz. E não se trata disso.

É possível ver nessa fala que na Universidade o sucesso escolar continua sendo atribuído a dons e condições biológicas, enquanto a Universidade está tendo o papel de reprodução e legitimação das desigualdades sociais. E pela fala dos alunos foi possível perceber que no curso de medicina essa questão parece ser mais aguda, legitimando a classe dominante. E como visto em Brocco e Zago (2014), mesmo com o acesso a universidade as desigualdades escolares e sociais não são superadas.

No começo, não sei em outros cursos, mas a medicina tudo é festa, tudo é maravilhoso, mas ai vai passando e as máscaras vão caindo e assim, as pessoas vão mostrando e formando os grupos e a segregação vai começando e é assim. [...] E é um ambiente muito nocivo... [...]. Se você entra ali, se você não tem a condição financeira X, se você não consegue ir no evento X, se você não tem o carro, o celular X, você não é aceito como os outros não. Você é segregado. Claro que você consegue achar um grupo de pessoas que fogem a isso, né? Pessoas iguais a você, pessoas que são humanas de verdade. Mas a maioria é isso. [...] porque às vezes eu não sei nos outros cursos, porque eu acho que é uma realidade restrita a medicina, mas se você é cotista na medicina, eu acho que todos os meus amigos que são cotistas ali, principalmente os que são de escola pública mesmo pensa, será que eu mereço mesmo estar aqui mesmo, será que eu não tirei a vaga de alguém mais capaz ou será que eu sou capaz de estar aqui, a gente entra numa crise existencial enorme, então é essa a pressão é esse ambiente essa série de coisas que é um ambiente nocivo entendeu, você entra em depressão ali, se você não tiver um apoio, não tiver um acompanhamento psicológico.

Isso mostra o que Bourdieu trata, que em um estado de força, os dominantes de um Capital específico “fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, tendem a estratégias de conservação [...]” (BOURDIEU, 1983, p.90). O Aluno2 contou que entrou em depressão, mesmo tendo passado no vestibular, depois de todo preconceito não se sentiu merecedor de estar ali por tanta pressão desse ambiente. Os dominantes, os estudantes tidos como de elite, segregam os que estão tentando entrar no Campo, como se aquele Campo só pertencesse a eles, mesmo que a pessoa tenha demonstrado capacidade para adentrar ao Campo, como no caso, passar no vestibular, como se percebeu na fala acima. E como visto em Zago (2006) e Piotto (2010), os entrevistados demonstraram em seus discursos um sentimento de não pertencimento dos alunos quanto ao curso de medicina.

4.3 *Habitus*

Todos os entrevistados trataram da grande influência da família para eles chegarem onde chegaram hoje, todos falaram que o maior diferencial entre eles e os que não chegaram onde chegaram foi a questão familiar. Eles demonstraram muita gratidão a todo apoio que receberam e ainda recebem da família. A aluna1, diz que sua vontade de estudar na UnB vem desde os dez anos, pois foi na época que sua irmã mais velha passou no vestibular e ela sempre admirou muito a irmã.

Eu acho que o meio onde a gente “tá” influencia muito a gente, né? Então, eu acho que a minha irmã ter vindo pra cá me influenciou muito. Eu acho que se de repente minha realidade fosse completamente diferente, se as pessoas que eu admirasse tivesse uma realidade um pouco diferente, talvez eu tivesse outros interesses, outras aspirações.

A aluna contou que além dela, o irmão gêmeo dela foi influenciado pelo namorado da irmã no curso que está cursando. Mas que apesar disso, a família nunca se intrometeu na escolha do curso, apenas a apoiavam a fazer faculdade. Contou que os pais sempre estiveram muito presentes na sua educação escolar.

O Aluno2 contou que desde muito cedo, na sétima série, a mãe dele contou do PAS, ele contou que ela não sabia muito bem sobre, mas falou para ele se preparar. Em seu núcleo familiar ninguém havia passado em uma federal, e um primo passou um pouco antes dele, o que o estimulou. Os pais sempre o motivaram a estudar e a direcionar seus estudos, encontrou apoio deles nessa área, mas hoje ajudam em questões mais práticas, como a mãe é da área da saúde ele pergunta algumas coisas e o pai ajuda financeiramente para ir a congressos ou palestras. Para escolha do curso na área da saúde contou que tem a mãe como exemplo, que é técnica em enfermagem, o avô era enfermeiro, a avó auxiliar de enfermagem e uma tia que é técnica também.

A Aluna3 foi a primeira a passar em uma federal e a única a cursar medicina. Contou que a família é sua base, e sempre foi essencial a ela, principalmente o apoio de sua mãe, em quem se inspira muito. Apesar de a mãe ter tido o sonho de ser médica, ela conta que isso não a influenciou. O sonho de conseguir estar lá hoje foi um sonho compartilhado com seus pais.

Em relação às escolas, os alunos 1 e 2 estudaram na mesma escola e contam que a escola os influenciou também, no caso da Aluna1 a escola foi fundamental na escolha do curso. Eles contaram que a escola direcionava muito para a questão da universidade e do vestibular. Já a Aluna3 disse que a escola não tratava muito sobre essas questões. E em

relação aos amigos, apenas o Aluno2 teve certa influência, pois contou que no ensino fundamental viu uma amiga com livros de medicina, e quando ele perguntou o que era, ela disse que já estava se preparando, isso o inspirou.

Os alunos também trataram sobre como outros pais influenciaram seus filhos de formas diferentes, como por exemplo, a Aluna1 estudou em área rural, então disse que muitos colegas dessa escola acabaram seguindo essa área ou áreas afim do local. O Aluno2 falou que:

Tem família que não apoia, eu tenho amigos que estão na UnB, mas os pais não apoiam, você tem que fazer concurso público, você tem que arrumar um negócio que ganha dinheiro, você vai ficar aí num curso que demora quatro anos para se formar, você vai ficar oito porque a UnB é cheio de greve, então depois você vai ganhar o mesmo que um concursado vai ganhar, “você tem que fazer concurso!”, muita gente não tem o apoio da família, entende?

Em relação a isso, pode-se observar a crítica de Lahire a Bourdieu segundo Nogueira e Nogueira (2002), porque ele trata a necessidade de se estudar cada família na sua individualidade, nas suas dinâmicas internas, suas interdependências sociais e afetivas, pois mesmo pertencendo a mesma classe, a mesma escola, as famílias tem questões diferentes, pensamentos diferentes e objetivos também. Então, se faz necessário entender essa individualidade para que assim, se consiga compreender como os Capitais e o *Habitus* são ou não transmitidos entre pais e filhos, percebendo o grau dessa transmissão também. Foi possível perceber com as falas o quanto o *Habitus* tem influencia na vida dos indivíduos e o peso das estruturas sociais sobre eles.

4.4 Trajetória Escolar

Os alunos trataram sobre as diferenças existentes as escolas particulares e as públicas, dois dos entrevistados já estudaram em escolas particulares e afirmam que há uma grande superioridade das escolas particulares, mas além dessa, alegaram haver diferença entre as próprias escolas públicas, mas que no geral, as dificuldades encontradas são as faltas de professores, onde eles já ficaram tempos sempre algumas disciplinas e isso acaba atrapalhando em questão de pré-requisitos. Todos declararam ter tido defasagem, principalmente nas áreas de exatas. Foi abordado também que há diferença entre escolas do Plano e as demais Regiões Administrativas.

Como atividades extraclasse, frequentavam o Centro Interescolar de Línguas (CIL) e cursinhos, geralmente estudavam em casa também. A rotina escolar dos três foi bem puxada

no terceiro ano. O desempenho escolar de todos era muito bom, principalmente no ensino fundamental. No médio o desempenho de dois caíram pela questão dos projetos em grupo da escola, onde o Aluno2 falou que por essa questão e a depressão acabou tendo um desempenho na média. Todos acreditam que a trajetória escolar foi bem sucedida, pois tiveram bom desempenho e o que o apoio da família foi fundamental para isso. E os alunos 1 e 2 foram bem incisivos ao tratar que não acreditam na meritocracia.

Então, eu não acredito em meritocracia. Eu acho que passei por escolas que foram... que eram razoavelmente boas, porque no Setor Leste, apesar dos meus colegas compartilharem das dificuldades em matemática também, alguns colegas... Muitos colegas, na verdade, tinham muito mais dificuldade do que eu. Então, eu acho que eu passei por escolas que eram um pouquinho melhores que as deles. [...] minha família sempre foi muito presente, a minha mãe sempre foi muito presente na minha vida escolar e eu acho que isso acaba sendo um diferencial, o meu pai também sempre foi muito atencioso com esse tipo de coisa, então, eu acho que isso foi um diferencial pra mim, esse estímulo e eu acho que é um estímulo que nem sempre eles (outros colegas de escola) tinham.

Brocco e Zago (2014) tratam sobre o sistema estar aberto a todos, mas falam que apesar disso está ao mesmo tempo reservado a poucos, demonstra uma eliminação sutil ao acesso e permanência na universidade, principalmente a cursos e instituições de prestígio social, continuando a reprodução de desigualdade. As próprias diferenças entre as escolas já fazem parte da eliminação de muitos alunos ao acesso, como também as dificuldades e defasagens que são impostas a eles. Como visto em Bourdieu, muitos pais investem na escolaridade dos filhos de acordo com as possibilidades vistas por eles de retorno a esse investimento, então, se os pais não acreditam no retorno e não enxergam a possibilidade dos seus filhos alcançarem a universidade ou cursos de prestígio e elite, não vão apoiar os filhos nisso, e até mesmo a escola, às vezes age dessa forma. E dessa forma a desigualdade escolar e social continua sendo reproduzida, ou muitos nem se enxergam com chance de acesso, quem dirá permanência no sistema.

4.5 Sucesso Escolar

Como visto no tópico anterior, todos os entrevistados disseram ter tido êxito na trajetória escolar. Mas com o propósito de se entender se eles foram os únicos com esse desfecho na trajetória, foi perguntado a eles sobre a trajetória dos colegas de escola, para maior compreensão do sucesso escolar.

Em relação aos alunos 1 e 2 que estudaram no Setor Leste, eles disseram que muitos colegas, principalmente os mais interessados, passaram na UnB ou estão cursando alguma faculdade particular. Eles consideram que a maioria teve um considerado sucesso escolar, pois no Plano Piloto os alunos geralmente tem a meta do ensino superior, de acordo com a Aluna1.

Já a Aluna3 que estudou no Elefante Branco diz que a trajetória dela foi diferenciada, mas que alguns colegas conseguiram entrar em faculdade particular, uma amiga conseguiu bolsa porque a mãe trabalha na faculdade, outro não conseguiu entrar em um curso bacharel e então foi fazer técnico, mas disse que cada um lidou com suas questões de modos diferentes. Disse que no ensino ela teve que abrir mão de ter certas coisas materiais para fazer cursinho e estudar para hoje ter conquistado o que conquistou, mas que outras pessoas não puderam fazer o mesmo:

[...] mas tinha gente que tinha sua prioridade e que tinha que ajudar em casa, eu por exemplo, nunca tive que ajudar em casa, com contas, então assim, depende, se foi bem sucedido ou não eu acho que assim dentro deles terem conseguido terminar o ensino médio e ter seguido a vida deles pode ser considerada bem sucedida (trajetória), com relação ao estudo acadêmico eles tiveram sonhos que foram destruídos.

Dois alunos se posicionaram fortemente contra a meritocracia e outra tratou sobre acreditar que existem diferenças de oportunidades e de apoio familiar. Todos acreditam que o diferencial deles quanto à trajetória dos outros amigos foi o apoio familiar. Os entrevistados também trataram sobre alguns não terem a mesma trajetória e as mesmas oportunidades por ter que trabalhar para ajudar financeiramente em casa, como visto na fala da Aluna3. A questão de ter tempo, estar em uma escola boa fazem a diferença também, como poder vir estudar no Plano Piloto, que para eles, tem certo diferencial. Foi notável pela fala deles que a escola tem grande peso na influência das trajetórias escolares e pós-escolares, os alunos do Setor Leste, pela fala dos alunos, tiveram uma trajetória bastante parecida e considerada de sucesso, já os alunos do Elefante Branco, parecem não ter sido estimulados e a maioria, pelo que conta a Aluna3 não teve a mesma trajetória, tiveram sucesso apenas na conclusão do ensino médio. Piotto (2010) entende que as trajetórias individuais e sociais são o resultado de uma construção coletiva baseada numa rede de apoio e isso fica claro no discurso dos entrevistados.

4.6 Influências

Sobre influência, ser influenciável ou influenciador atualmente, todos reconhecem que ainda estão abertos a influências, mas também acreditam que podem influenciar pessoas pela conquista de conseguir passar em cursos de alta concorrência, entre os influenciados, eles citam os mais próximos, irmãos mais novos, amigos, pessoas que estudaram na mesma escola ou que estudaram em escola pública e tem interesse em ter a mesma trajetória que eles. Há até pessoas que já estão na Universidade, mas estão fazendo um curso alternativo, por não terem conseguido passar que estão se aconselhando com esses alunos.

Foi perguntado para Aluna1 sobre a questão das mídias, pois ela apareceu em uma reportagem sobre ter passado na UnB, e ela respondeu:

Eu acho que é interessante, mas ao mesmo tempo acho perigoso pra não cair na falácia da meritocracia, né? “Ah, estudou a vida inteira na escola pública e conseguiu passar, então qualquer pessoa consegue...”. Ao mesmo tempo que, eu acho que é importante eu “tá” aqui pra mostrar que outras pessoas podem “tá” aqui também, pessoas que tiveram uma trajetória parecida, eu acho que é um pouquinho perigoso pra não cair nessa falácia da meritocracia. Então, eu sou meio receosa em relação a isso.

Ou seja, apesar de terem obtido sucesso e acreditar que esse sucesso pode ajudar a abrir os horizontes de outras pessoas que se encontravam na mesma situação, há também a questão de se acreditar que se um conseguiu, então todos conseguem. Mas durante toda a entrevista, foi possível notar que os alunos não se acham uma regra, eles acreditam ter tido questões que fizeram a diferença para chegar onde chegaram, lógico, reconheceram seus esforços e seus estudos, mas reconheceram que apenas isso não é suficiente, e que não é porque eles conseguiram que todos tem a mesma chance.

4.7 Cotas

Atualmente, metade das vagas dos cursos da UnB estão destinadas a alunos de escolas públicas, segundo a lei nº 12.711/2011, regulamentada no ano de 2012, e dentro dessas cotas há subdivisões.

Todos os entrevistados reconheceram que estão no curso almejado na Universidade de Brasília devido às cotas, pois apesar das vagas já estarem divididas meio a meio entre sistema universal e sistema de cotas, a nota de corte das cotas é inferior e às vezes bem inferior à nota

universal, segundo eles. Mas mesmo a nota de corte sendo inferior, eles dizem que não há diferença no desempenho das disciplinas entre eles e os outros alunos. Os alunos de medicina alegaram que às vezes têm algumas dificuldades a mais pela questão de falta de pré-requisito em matérias do ensino básico.

Todos estudantes acham que as cotas são importantes para incluir os alunos de escolas públicas no ensino superior, mas acreditam que ainda não é suficiente, pois mesmo tendo metade das vagas ainda são poucas e muita gente fica de fora. Além, da problemática apontada por eles sobre a maioria das vagas serem ocupadas por alunos do Colégio Militar, que pra eles não é considerado escola pública, pois além dos alunos pagarem uma certa quantia, mesmo que mínima, eles tem um ensino e uma educação bem diferente. O Aluno2 disse que ficou indignado, pois incluíram cotas para deficientes (algo que ele aprova), mas essas vagas foram subtraídas das cotas de escola pública, ele acredita que não era necessário subtrair essas cotas do outro sistema de cotas.

A Aluna1 questionou sobre outra dificuldade encontrada nas cotas, disse que há alunos que estudam em escola particular e que vão para o ensino médio só para concorrer por cotas, e que fazem cursinho para não depender do ensino da escola. Realidade vivenciada pela Aluna3, que estudou todo ensino fundamental em escola particular e foi para o ensino público para concorrer por cotas, pois se não, não passaria no curso almejado. Quando perguntado se isso era um diferencial na aprovação dela, ela respondeu:

Não, porque assim, eu não estudei numa escola boa, mesmo sendo paga, particular, não era uma escola boa, que me dava um bom retorno, por exemplo. Porque é... tinha dificuldades também, por não ser uma escola grande, era uma escola bem simples, então assim, não tive grandes diferenças assim, com relação a isso. Mas é mais porque eu sempre tive aquele foco de eu quero passar na UnB, e meus amigos não tinham essa, esse anseio.

Então, há o questionamento entre os entrevistados se as cotas estão contemplando as pessoas certas. Para eles as cotas deviam ser uma medida paliativa, pois ainda não contempla a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo esses alunos conseguindo conquistar o curso almejado na primeira tentativa de ingresso nos dois cursos com alta seletividade e maiores notas de corte da Universidade de Brasília, não há como afirmar que as condições de acesso aos estudantes de classes populares e escolas públicas está boa. Apesar da metade das vagas serem para alunos de escolas públicas, ainda encontram-se grandes dificuldades, pois como os entrevistados disseram, muitas vagas das cotas de escolas públicas estão indo para quem não é de “escola pública pública ou pública de verdade”, estão indo para alunos do colégio militar, alunos que tem uma educação totalmente diferenciada, além de outros alunos que saem de escolas particulares para entrar no ensino médio em escolas públicas apenas para “passar por cotas”. As cotas deveriam servir como uma medida paliativa, para compensar a defasagem que se encontra no ensino básico público e dar a oportunidade dos alunos que são vítimas dessa situação de ter chances de entrar no ensino superior e buscar fazer o curso de sua preferência. Os próprios alunos se consideraram exceções, dos três entrevistados, dois deixaram bem claro que não acreditam na meritocracia e que provavelmente não estariam no curso caso não existissem as cotas, não por falta de estudo, mas por falta de estrutura do sistema de educação público, como falta de professores e falta de incentivo para os alunos almejem o ensino superior.

A pesquisa feita mostrou que todos os alunos entrevistados citaram a família e o apoio/incentivo familiar como o diferencial para o sucesso deles, assim como, a questão de não precisar trabalhar para se sustentar. Foi possível perceber também que há um preconceito com esses alunos, apenas por serem de classes populares, muitas vezes são tidos como não dignos de estarem em um curso de elite, por “não possuir os capitais necessários”. E que o ensino superior ainda reproduz a hierarquização da classe dominante, tendo professores ainda com esse discurso e defendendo dentro do Campo a posição dessa classe quanto a estar nos cursos de elite, enquanto os estudantes de classes populares estão lutando para entrar.

Esse estudo foi feito baseado nos conceitos e ideias de Pierre Bourdieu, buscando compreender como esses conceitos interferem nas trajetórias escolares dos alunos, e foi possível ver que os conceitos interferiram nas trajetórias e que os próprios estudantes percebem essa interferência. Os discursos dos alunos foi bem parecido, e ficou claro a maior hierarquização do curso de medicina.

Com a análise dos dados e através das falas dos alunos, sugiro as seguintes temáticas para próximas pesquisas: A questão dos alunos do colégio militar utilizarem as cotas de escola pública; A elitização do curso de direito e o preconceito sofrido pelos alunos cotistas;

Como a distância da faculdade interfere no cotidiano e nos estudos dos alunos; As mídias como fontes de reprodução do pensamento meritocrático.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, C. F.; SALES, A. P.; COSTA, A. D. da; COSTA, M. D. da; VERONEZE, R. B.; SANTOS, T. L. B. Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Niterói, v. 6, n. 1, p. 55-71, 2012. . Disponível em <<http://www.uff.br/pae/pca/article/viewFile/110/92>>. acesso em 10 de jun. 2017.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. acesso em: 15 abr. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 10. ed, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

_____, Pierre; NOGUEIRA, Alice Maria. CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____, P. **O Campo científico**. In: ORTIZ, R. (org.). Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.

_____, Pierre, 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P 89-94.

BROCCO, Ana Karina; ZAGO, Nadir. Condição do estudante de camadas populares no ensino superior. **X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/776-0.pdf>. acesso em 27 de abril 2017.

CERRI, Fernando Luis; SILVA, José Alexandre. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 171 – 198.

DIAS SOBRINHO, José. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 31, n. 113, p. 1223-1245, Dec. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000400010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 jun. 2017.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação.** 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educ. Soc**, Campinas, v. 23, n. 78, Apr. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>. acesso em: 5 de maio de 2016.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 88-98, Mar. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512009000100007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 31 maio 2017.

ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, Pierre Bourdieu: sociologia, 1983.

PIEIDADE, Karenn Nina Bandeira. **Estudo sobre as trajetórias de vida dos estudantes de pedagogia na ótica de Pierre Bourdieu.** 2013. 59 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PIOTTO, Débora Cristina. Universitários de camadas populares em cursos de alta seletividade: aspectos subjetivos. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 229-242, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 15 de abril 2017;

SCARTEZINI, natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo**, v. 14, 2011. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5159>>. acesso em 06 jun. 2017.

SERRADOR, Fernanda Miquelotti Pereira. **Habitus familiar e TICs no sucesso escolar: retratos sociológicos de estudantes da UnB.** 2015. 53 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, Feb. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

TRIVINÕS, Augusto N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo, Editora Atlas, 1987.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 32, p. 226-237, Ago. 2006 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jun. 2017.

III. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Acredito que tudo o que se aprende e se ganha com o conhecimento deve ser repassado e multiplicado. Pretendo repassar o meu conhecimento e buscar melhorar a educação em qualquer área profissional que atuar depois de formada, pois compreendo que a educação vai além das quatro paredes da sala de aula. Pretendo continuar meus estudos nas áreas de Psicopedagogia, Orientação Profissional e Educação Musical.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Bloco - Identificação do entrevistado

1. Idade
2. Curso/ Período
3. Forma de ingresso na Universidade
4. Estado civil

Bloco – Identificação dos Capitais

5. Depende financeiramente de alguém?
6. Possui algum trabalho para se manter?
7. Com quem mora?
8. Qual transporte utiliza para ir à universidade e a distância?
9. Qual classe se considera pertencente?
10. Possui religião?
11. Formas de lazer atuais
12. Formas de lazer que possuía na infância
13. Atividades extracurriculares atuais e antigas
14. Qual livro/filme/música/esporte prediletos?
15. Onde tem o costume de estudar para as disciplinas?
16. Utiliza muitas tecnologias? Internet e redes sociais? De que forma?
17. Com qual frequência viaja e se já fez viagens internacionais.

Bloco - Trajetória Escolar

18. Aborde sobre sua experiência escolar, antes da universidade. Você estudou em escolas do Plano Piloto, ou de outras Regiões Administrativas? Você frequentava outros lugares de estudo além da escola?

19. Como era sua rotina escolar?
20. Como era seu desempenho escolar?
21. Você acredita que sua trajetória escolar foi bem sucedida? Por quê?
22. Seus companheiros de escola do ensino médio tem uma trajetória parecida?

Você acredita que eles tiveram uma trajetória escolar bem sucedida? Comente.

23. Quais foram os momentos mais marcantes na sua trajetória escolar?
24. Quais foram as dificuldades encontradas no seu desenvolvimento escolar?
25. Como escolheu seu curso? Teve apoio de familiares e amigos?

Bloco - Habitus

26. Pessoas te influenciaram na sua vida acadêmica? Como e por quê?
27. Qual é a relação da sua família com a sua trajetória escolar e acadêmica?
28. Qual a ocupação e escolaridade dos seus pais?
29. Qual seria a média da escolaridade da sua família?
30. Algum amigo te influenciou?
31. Você acredita que atualmente é mais influenciável ou influenciador? Por quê?
32. Qual é a sua visão sobre as cotas?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: Estudantes de Classes Populares em Cursos de Alta Seletividade na Universidade de Brasília: Exceção ou Regra?

Pesquisador Responsável: Priscila Becil Campos, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Telefones para contato:

Nome do participante

voluntário: _____

R.G. _____, Órgão Expedidor: _____.

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Estudantes de Classes Populares em Cursos de Alta Seletividade na Universidade de Brasília: Exceção ou Regra?”, de responsabilidade do pesquisador Priscila Becil Campos e seu orientador Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa. Tendo como finalidade compreender a influência dos Capitais Culturais na vida de estudantes de classes populares que ingressaram em cursos de alta seletividade.

O Sr. (ª) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto acima.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e a orientador terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa a Sr. (ª) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o tema estudado. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. As informações fornecidas por você serão utilizadas somente para fins de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos, inclusive em coautoria ou por outros pesquisadores interessados na temática, garantindo o anonimato do(a) entrevistado(a).

O Sr. (ª) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Eu (assinatura), _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Brasília, _____ de _____ de _____.

Priscila Becil Campos